

Da diversidade de vozes em língua inglesa à competência plurilingue

Gillian Moreira (DLC: Departamento de Línguas e Culturas / CLC: Centro de Línguas e Culturas) – Universidade de Aveiro

Ana Margarida Costa (LALE: Laboratório Aberto para a Aprendizagem de Línguas Estrangeiras / CIDTFF: Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores) – Universidade de Aveiro

Introdução

Muitas são as vozes que falam através da língua inglesa, transformando-a num repositório rico em identidades e caracterizado pela diversidade, tanto linguística como cultural. Assim, para além de um meio de comunicação, esta língua constitui-se como repertório de pluralidade cultural (Kachru, 1995), recurso essencial no seu ensino e aprendizagem.

Quem ensina a língua inglesa hoje é interpelado a contemplar esta realidade, integrando a diversidade linguística e cultural que caracteriza esta língua nas práticas profissionais e abrindo portas para as muitas culturas que nos rodeiam. Para os alunos são essenciais o contacto com esta diversidade e a sua compreensão para que possam aprender a conviver com as realidades complexas e diversas que caracterizam as nossas sociedades.

Neste sentido, e tomando em consideração o espaço privilegiado que a língua inglesa ocupa no contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras nas nossas escolas, acreditamos que a diversidade e pluralidade desta língua podem ser exploradas para o enriquecimento do ensino e aprendizagem das línguas, pondo o ensino do inglês ao serviço de uma educação mais transversal, orientada para os valores da cidadania intercultural, e contribuindo para o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural (Starkey, 2002; Beacco & Byram, 2003; Breidbach, 2003).

Neste capítulo, apresentamos um projeto de investigação, em desenvolvimento na Universidade de Aveiro no âmbito do Programa Doutoral em Didática e Formação, que parte do pressuposto de que uma abordagem didática da língua inglesa apoiada na sua diversidade intralinguística e intercultural poderá constituir-se como ponto de partida para o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural dos alunos. Apresentaremos, ainda, alguns resultados preliminares deste projeto.

1. Diversidade e o ensino da língua inglesa

No que diz respeito ao ensino da língua inglesa, temos assistido nos últimos anos à sua generalização, em contextos formais e não formais, e à sua transformação na primeira, às vezes única, língua estrangeira ensinada e aprendida por parte de um grande número de pessoas. Esta situação traz responsabilidades, nomeadamente em contexto escolar, onde são atribuídos alguns objetivos à língua estrangeira que ultrapassam a sua aprendizagem como objeto linguístico e visam assegurar a aquisição de competências socioculturais, interculturais, pessoais e cívicas. Por outro lado, e dada a sua predominância em variados contextos de comunicação entre falantes de línguas diferentes, assistimos à valorização da língua inglesa como instrumento de comunicação ao dispor de todos e espe-

cialmente apto para a comunicação técnica e o discurso científico, transformando-a num código o mais simples possível em termos linguísticos, com terminologias específicas para cada área de aplicação, e reduzindo ao máximo o input cultural que poderá ‘interferir’ na comunicação. Paralelamente, encontra-se desvalorizada a sua capacidade de contribuir para aprendizagens quer de ordem linguística, quer de ordem social mais ricas e potencialmente enriquecedoras, e minimizado o seu valor motivacional.

É neste contexto que emerge o nosso interesse na diversidade da língua inglesa, que, na realidade, é falada por centenas de milhares de pessoas pelo mundo fora. Estas populações têm sido categorizadas de diferentes formas. No modelo de Braj Kachru (1992), talvez o mais influente, os falantes da língua inglesa são organizados em três círculos: no círculo interno encontram-se os países onde existem as bases culturais e linguísticas da língua; no círculo externo, localizam-se as regiões que foram sujeitas a um período de colonização; no círculo em expansão, situam-se os países onde a língua inglesa é aprendida como língua estrangeira. Numa outra abordagem, Graddol (1997) apresenta os três grupos de falantes da língua inglesa em esferas interligadas: a primeira, a mais pequena, contém os que falam inglês como 1ª língua (325m), a segunda, os que falam como 2ª língua (375m), e a terceira, os que falam como língua estrangeira (750m), visualizando assim um modelo mais dinâmico que integra a possibilidade de transição entre as esferas. Apesar de serem consideradas algo desadequadas para um mundo ‘em movimento’ – *a world of flows* - (Appadurai, 1993; Pennycook, 2007), estas abordagens ilustram com clareza a forma como, a partir dos anos 90, os falantes da língua inglesa como primeira língua, os que normalmente assumiriam o comando da sua utilização e distribuição, deixam de ter ‘controlo’ sobre a expansão e desenvolvimento da sua língua. A língua passa a ser propriedade de outros falantes, que dominam os usos e formas que a ela são atribuídos. De acordo com Graddol (2006), “Where the global importance of languages used to depend on the number and wealth of native speakers, now the number of people who use it as a second language is becoming a more significant factor” (p.64), o que contribui para a sua democratização e diversificação. De facto, o modelo de Kachru incorpora desde o início o princípio da pluralidade, demonstrando o desenvolvimento de diferentes *Englishes* e não a transplantação de um ou dois *Englishes* em diferentes partes do mundo. Outros autores, por exemplo, Mufwene (2001) e Schneider (2003), têm estudado o desenvolvimento de *Englishes*, particularmente em diferentes contextos pós-coloniais, identificando um padrão que governa a emergência de uma nova variedade. Não temos espaço nesta breve reflexão para abordar em profundidade este assunto, nem é a nossa intenção levar os professores a explorar a multiplicidade de variantes linguísticas da língua inglesa. É, contudo, importante entender que o desenvolvimento de novas variedades da língua representa um percurso dinâmico que envolve processos de nativização, estabilização, adoção e diferenciação,

fundamentalmente interligados com processos de criação e expressão cultural e identitária.

Assim, mais do que um objeto linguístico e um instrumento de comunicação, a língua inglesa constitui-se como um repertório de pluralidade cultural e uma competência partilhada entre todos aqueles que a falam. É uma língua pluricêntrica, mas não limitada aos espaços geográficos onde habitam as variantes nativas, uma língua com “a multiplicity of norms, ..., multiple identities in creativity, and distinct sociolinguistic histories and contexts of function. In other words, it is now more apt to use the term "Englishes" than "English” (Kachru, 1995:2). Para além de uma unicidade na diversidade linguística e sociolinguística, que fornece um contexto para a reorientação das aprendizagens na direção da aceitação da pluralidade, resistindo à formatação social e cultural muitas vezes associada às línguas, existe a capacidade, especial e única, encontrada no seio de cada língua, de exprimir as vozes e vivências, múltiplas e variadas, de quem a fala. São estas vozes, que enriquecem a língua, e as suas formas de expressão cultural, e que valorizam o mundo em que todos vivemos, que queremos ouvir na sala de aula da língua inglesa.

Sabemos que o posicionamento da língua inglesa como língua mais utilizada, mais ensinada e mais aprendida na paisagem global não é pacífico, e que esta língua é, por norma, considerada o inimigo número um do plurilinguismo. Como o descreveu Ngugi wa Thiong'o (1993), escritor e académico de origem queniana, inglês é: “a language that flourishes on the graveyard of other people’s languages” (p. 35). De facto, as opiniões dividem-se sobre os benefícios e ameaças que a predominância da língua inglesa no mundo representa. Por um lado, é objeto de crítica e resistência com base nas suas tendências colonizadoras e potencialmente destruidoras; por outro lado, é acolhida e abraçada pela capacidade que oferece de abrir portas e prometer desenvolvimento. É desejada pela promessa, inventada e real, de um futuro melhor, pessoal e coletivo; a sua adoção é acompanhada, como já dissemos, por processos de nativização e emancipação, tornando-se num processo criativo e renovador a partir do qual se comunicam novas identidades e se desenvolvem novas formas de expressão. Portanto, concordando que “the forces of globalization, empire and English are intricately interconnected” (Kumaravadivelu, cit. in Edge, 2006:1), e conscientes da relação entre a predominância acima referida e a apropriação do discurso unívoco da globalização económica e social, acreditamos que é urgente contrariar esta inevitabilidade e introduzir outros discursos mais humanos e ecológicos.

Para tal, será necessário questionar e fazer questionar os princípios de monolingüismo com os quais abordamos habitualmente o nosso ensino de línguas estrangeiras e abrir as nossas salas à diversidade que existe à nossa volta. Na fluidez do complexo mundo pós-moderno, as fronteiras entre nações e entre línguas desvanecem-se e as populações diversificam-se, promovendo o encontro e convívio entre povos e vivências diferentes. Neste quadro, torna-se desadequada uma abordagem nacionalista às línguas, na qual a relação direta entre língua,

povo, cultura e território é privilegiada. Mais do que qualquer outra língua, o inglês está bem posicionado para revelar a insuficiência deste modelo no entendimento das relações entre línguas e identidades no mundo atual. Como afirma Pennycook (2007): “English is closely tied to processes of globalization: a language of threat, desire, destruction and opportunity. It cannot be usefully understood in modernist states-centric models of imperialism or world English, or in terms of traditional, segregationist models of language.” (p.5)

No mesmo sentido, Graddol argumenta que o atual perfil da língua inglesa não deve ser entendido como o triunfo dessa língua no palco mundial, sendo esta visão demasiado etnocêntrica: “[The] view of global English [as the triumph of English on the world stage] is altogether too ethnocentric to permit a broader understanding of the complex ways in which the spread of English is helping to transform the world and in which English, in turn, is transformed by the world.” (Graddol, 2006: 59)

Com efeito, é na constante transformação da língua inglesa por quem a utiliza que se encontra a pluralidade e o potencial para compreender tanto o funcionamento das línguas nas sociedades globais como a diversidade cultural e linguística que as caracteriza. E é no contacto com contextos reais de utilização da língua inglesa que se pode compreender melhor a diversidade e desenvolver competências de cidadania e atitudes de abertura e respeito face à diferença. Incluem-se entre estes contextos, a China, país do círculo em expansão de acordo com o modelo de Kachru, onde há mais crianças chinesas a aprender inglês do que existem ingleses no mundo, e onde o inglês tem um papel fundamental nos processos de desenvolvimento económico e social; a Índia, localizada no círculo externo de Kachru, onde o inglês tem um papel histórico e singular e onde 200m indianos utilizam inglês como língua adicional e a indústria cinematográfica indiana se transformou na maior do mundo, fazendo cada vez mais filmes em inglês/hinglish. A relação entre o poder das línguas e a força das economias faz acreditar que a importância da língua inglesa não diminuirá mas que se recenetrará no dinamismo e na energia da Ásia e na comunicação com e entre as economias emergentes desta região. A este respeito, Pennycook afirma:

With the growth of the Asia manufacturing and service industries, the global prediction that China and India will have the first and third largest global economies within 30 years, a population that comprises over 50 per cent of the world's people, and massive English language programmes throughout the region, it is no surprise that the role of English has become a major concern. (Pennycook, 2009: 194)

Em suma, qualquer caracterização da língua inglesa hoje em dia terá que ter em consideração que, no mundo no seu todo, há mais falantes não nativos de inglês do que nativos (± 3 para cada 1) e que, de quase um terço da população mundial que sabe alguma coisa de inglês, a maioria não reside em países anglo-

saxónicos desenvolvidos, mas em países em desenvolvimento, provocando uma mudança fundamental na forma como entendemos a esfera linguístico-cultural desta língua. Do ponto de vista da expressão cultural, por exemplo, existe criatividade literária em língua inglesa em todos os continentes, para não falar dos jornais e transmissões radiofónicas em língua inglesa em todas as principais cidades dos países anglófonos na Ásia e em África.

Em conclusão, acreditamos que esta pluralidade pode e deve fazer parte da forma como a língua inglesa é ensinada de modo a potenciar o desenvolvimento de aprendizagens mais plurais, mais democráticas e mais próximas das realidades sociais. Central a uma aprendizagem da língua inglesa orientada para as competências plurilingue e intercultural deverá ser o entendimento desta diversidade como vetor de enriquecimento e de compreensão de diferentes mundos e de maneiras de viver. Abrindo portas para as muitas culturas que nos rodeiam, e proporcionando o contacto com a diversidade social, cultural e linguística, promove-se o respeito pela diferença e sensibiliza-se para a complexidade social e cultural. Deste modo, contribui-se para o bem-estar e a convivência em sociedades diversificadas, a promoção de competências interculturais e de cidadania e o desenvolvimento da competência plurilingue.

2. O projeto de investigação: A diversidade da língua inglesa: o ponto de partida para o desenvolvimento da competência plurilingue

No quadro de uma educação em línguas que, atualmente, se quer plurilingue e intercultural (Cavalli, Coste, Crisan e van de Ven, 2009), concebemos, no âmbito do Programa Doutoral em Didática e Formação da Universidade de Aveiro, um projeto de investigação, intitulado “A diversidade da língua inglesa: o ponto de partida para o desenvolvimento da competência plurilingue”¹, que assenta, tal como referimos anteriormente, no pressuposto de que a aula de língua inglesa poderá constituir-se como um espaço de contacto com a diversidade linguística e cultural, um espaço promotor de atitudes positivas face ao Outro e, ainda, como um ponto de partida para o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural dos alunos.

Tal pressuposto decorre não só do reconhecimento do papel e estatuto ‘especial’ que esta língua assume nas mais diversas áreas da vida das sociedades atuais, particularmente nos sistemas educativos, sendo “...the most commonly learnt language in virtually all countries...” (Eurydice, 2008: 12), mas também, e acima de tudo, do reconhecimento de que a língua inglesa é, em si mesma, uma

¹ Projeto de Doutoramento financiado pela FCT – referência da bolsa: SFRH / BD / 61480 / 2009.

língua plural, heterogénea, diversa. Uma língua habitada por uma multiplicidade de “vozes” e identidades linguística e culturalmente diferentes entre si – conforme apresentado na secção anterior deste texto. Neste sentido, acreditamos que uma abordagem didática desta língua baseada na diversidade intralinguística e cultural que incorpora poderá contribuir para o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural dos alunos – pilar central que sustenta todo o projeto de investigação que aqui apresentamos.

O referido projeto é norteado pelos seguintes objetivos: i) compreender o papel e o estatuto da língua inglesa nas sociedades atuais e nos sistemas educativos, particularmente no português; ii) caracterizar a diversidade linguística e cultural da língua inglesa; iii) analisar o modo como essa diversidade é contemplada nos documentos reguladores do ensino do inglês no 9º ano de escolaridade; iv) compreender o contributo de uma abordagem didática baseada nessa diversidade para o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural dos aprendentes; e v) contribuir para a enunciação de estratégias e práticas de abordagem da língua inglesa promotoras de uma educação plurilingue e intercultural.

Concebido com vista à concretização destes objetivos, o design metodológico do projeto é constituído, essencialmente, por três fases:

- **fase um:** construção e consolidação do(s) quadro(s) teórico(s) e conceptual(ais) que enforma(m) o projeto de investigação;
- **fase dois:** análise de documentos reguladores do ensino do inglês no 9º ano de escolaridade (ano escolhido para a implementação do estudo empírico);
- **fase três:** conceção e desenvolvimento do estudo empírico do projeto numa turma do 9º ano de escolaridade de uma escola do distrito de Aveiro.

Apresentamos, seguidamente, alguns dos resultados preliminares da fase dois de desenvolvimento do projeto, assim como alguns detalhes relacionados com a conceção e implementação do estudo empírico (fase três).

2.1. Análise de documentos reguladores do ensino do inglês no 9º ano de escolaridade

Os documentos oficiais que regulam e regulamentam o processo de ensino e aprendizagem, nas várias áreas disciplinares, desempenham um papel nuclear ao nível do estabelecimento de princípios e práticas educativas e enquanto ferramentas que orientam e influenciam a ação pedagógico-didática dos professores. Assim, considerámos que seria importante, com vista à preparação do estudo empírico a desenvolver, analisar alguns dos documentos que regulam o ensino do inglês no 9º ano de escolaridade, o ano escolhido para a implementação do nosso estudo, a fim de:

- descrever a forma como as competências plurilingue e intercultural são apresentadas e conceptualizadas nestes documentos;
- identificar o modo como a diversidade linguística e cultural da língua inglesa é contemplada nestes documentos.

Dito de um outro modo, pretendíamos, com esta análise, compreender que possibilidades, que “aberturas”, são incluídas e ensaiadas nestes documentos para o desenvolvimento de uma educação plurilingue e intercultural e para a promoção de uma abordagem didática apoiada na diversidade linguística e cultural da língua inglesa e orientada num sentido mais lato de sensibilização para a diversidade, para o contacto com o Outro.

Os documentos oficiais selecionados para análise são o *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências essenciais* (Ministério da Educação, 2001)² e o *Programa e Organização Curricular do Inglês para o 3º CEB* (inglês LE I e inglês LE II) (Ministério da Educação, 1997).

A análise preliminar que realizámos a estes documentos, a qual seguiu os procedimentos de análise de conteúdo (Bardin, 2000) e na qual procurámos ter em consideração a diferença temporal existente entre a publicação de um e de outro textos, permite-nos delinear, ainda que não de uma forma conclusiva, algumas pistas de reflexão:

- o *Currículo Nacional do Ensino Básico* contempla algumas possibilidades de desenvolvimento de uma educação plurilingue e intercultural, visíveis, por exemplo, na referência direta e explícita ao conceito de competência plurilingue.

² Note-se que, à data da publicação deste texto, o *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais* já não se encontrava em vigor por revogação do Despacho nº 17169/2011 do Ministério da Educação e Ciência. Não obstante, mantivemos a análise realizada a este documento, não só pelo valor académico do trabalho então desenvolvido, mas também, e principalmente, porque acreditamos que este documento está ainda enraizado nas práticas de muitos professores, influenciando o seu pensamento e atuação pedagógico-didáticos.

Complementarmente, encontrámos indícios de reconhecimento da importância do contacto com outras línguas e culturas, da interação com interlocutores linguística e culturalmente diferentes, da aquisição de informação e construção de conhecimento sobre outros povos e as suas culturas e, ainda, do desenvolvimento de atitudes positivas face ao Outro – condições essenciais para o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural dos falantes.

Por outro lado, não há, no Currículo, qualquer referência à diversidade linguística e cultural da língua inglesa ou à sua exploração em sala de aula, talvez porque não é finalidade deste documento apresentar, ou estipular de alguma forma, os conteúdos, atividades/estratégias e abordagens específicas a desenvolver nas diferentes áreas disciplinares ou disciplinas. Essa função é contemplada, certamente, nos programas disciplinares.

- o *Programa e Organização Curricular do Inglês para o 3º CEB* (inglês LE I e inglês LE II), por sua vez, incorpora elementos que evidenciam uma certa preocupação com a integração da dimensão, mais concretamente, da competência intercultural no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, integração essa que passou a ser foco particular de interesse ao nível do ensino de línguas a partir da década de 1980 (Araújo, 2010). A referida preocupação é visível, por exemplo, no reconhecimento da importância do contacto com outras realidades linguístico-culturais, da promoção e desenvolvimento de atitudes positivas de respeito, tolerância e abertura face ao Outro e à sua cultura e do contacto com outras línguas e culturas durante o processo de ensino e aprendizagem de uma língua específica (neste caso, o inglês), ainda que, por vezes, a leitura destes documentos nos faça pensar que este contacto com a diversidade é orientado, principalmente, em direção às culturas-alvo deste processo, nomeadamente as culturas anglófona e americana (Moreira e Chaves, 2007).

As evidências identificadas levam-nos a considerar que, muito embora não tenhamos encontrado referências explícitas ao conceito de competência plurilingue ou plurilinguismo, o que se deve, certamente, ao facto do *Programa e Organização Curricular* ter sido publicado num período (1997) em que estes conceitos ainda não tinham sido amplamente divulgados e discutidos, há, nestes documentos, “aberturas” para considerar o ensino e aprendizagem da língua inglesa como uma porta (“*gateway*”), uma oportunidade para o contacto com outras línguas e culturas e para a interação com o Outro numa perspetiva intercultural – aspeto que vai ao encontro do pressuposto-base do nosso projeto de investigação.

No que diz respeito à diversidade linguística e cultural da língua inglesa, esta é concebida, no *Programa e Organização Curricular do Inglês para o 3º CEB* (inglês LE I e inglês LE II), exclusivamente em função das variedades britânica (*British English* – BrE) e americana

(*American English – AmE*), refletindo, desta forma, a tradicional divisão dicotômica entre estas duas *standard forms* (normas-padrão) da língua inglesa. Esta divisão está patente na enunciação de algumas competências e estratégias, onde pode ler-se, por exemplo, “Distingue diferenças entre o inglês britânico e o inglês americano quanto à pronúncia, ao vocabulário, à ortografia.” (Ministério da Educação, 1997, LE I: 28), ou “Reconhece e distingue variações de pronúncia do mesmo fonema (BrE/AmE).” (idem: 35). Embora estas variedades representem, de facto, os dois principais centros impulsionadores da expansão da língua inglesa para o resto do mundo, a perspectiva adotada no projeto de investigação aqui apresentado é mais abrangente, incluindo as muitas e diferentes variedades da língua inglesa que são faladas em todo o mundo – nos territórios em que o inglês é usado como língua materna pela maior parte da população, nos territórios em que é amplamente usado como língua segunda e, ainda, nos territórios em que é largamente aprendido e usado como língua estrangeira.

Importa lembrar, no entanto, que estas diferenças de perspectiva são, certamente, resultado da própria evolução do conhecimento existente acerca do mundo das línguas e culturas e, em particular, da língua inglesa. Naturalmente, o conhecimento sobre a língua inglesa evoluiu e complexificou-se, sendo atualmente, e progressivamente, vista como um repertório de pluralismo linguístico e cultural que “...articulates diverse cultural, ethnic and national identities.” (Kachru, cit. in Moreira, 2006: 196/197).

Apesar da centralidade nas variedades *BrE* e *AmE* e na comparação entre elas, consideramos, não obstante, que os professores conseguirão encontrar, nestes documentos, algumas pistas de desenvolvimento de uma abordagem didática que valorize a diversidade da língua inglesa numa perspectiva mais alargada de sensibilização para o Outro.

2.2. Conceção e desenvolvimento do estudo empírico do projeto

O processo de conceção e desenvolvimento do estudo empírico, o qual se consubstancia num estudo de caso (Stake, 2007; Yin, 2005), é constituído por duas etapas. A primeira etapa, que poderíamos designar de etapa de preparação, consiste no levantamento e descrição das representações da professora de Inglês que colabora no nosso estudo, assim como da turma do 9º ano escolhida para o mesmo efeito, acerca da língua inglesa, da sua diversidade intrínseca, do seu processo de ensino e aprendizagem e do mundo das línguas e culturas de uma maneira geral. A informação recolhida, por meio de entrevista, no caso da docente, e de questionário, construído sob a forma de biografia linguística, no caso dos alunos, é analisada com vista à caracterização, particularmente do ponto de vista

linguístico-comunicativo, do grupo de participantes, assim como à constituição de uma espécie de diagnóstico das motivações e expectativas da professora e dos alunos relativamente à sua participação no estudo.

A segunda etapa, a etapa central, corresponde ao desenvolvimento do estudo empírico propriamente dito, o qual assenta na conceção e implementação de um plano de intervenção didática na referida turma. Este plano, concebido pela investigadora principal e pela professora de Inglês da turma tendo em consideração os objetivos e finalidades do estudo, o *Programa e Organização Curricular do Inglês para o 3º CEB*, as planificações de escola e da turma e o manual adotado, está a ser implementado durante o ano letivo 2011-2012.

O plano de intervenção é constituído por sessões pedagógico-didáticas realizadas intercaladamente ao longo do ano letivo e baseadas na abordagem da diversidade intralinguística e cultural da língua inglesa. Partindo destas sessões, o plano de intervenção procura constituir-se como um espaço propício ao contacto, reflexão e construção de conhecimento sobre a diversidade da língua inglesa, e sobre as línguas e culturas de uma maneira geral, ao desenvolvimento da cultura linguística dos alunos, bem como de atitudes positivas face ao Outro e, em última instância, ao desenvolvimento das suas competências plurilingue e intercultural.

A longo prazo, este plano procura contribuir para a construção de conhecimento e identificação de práticas de abordagem da língua inglesa, centradas na exploração da multiplicidade de vozes que lhe dão corpo, que, no quadro de uma educação plurilingue e intercultural, possam potenciar o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural dos alunos.

As potencialidades do plano para a concretização destes objetivos serão avaliadas a partir da análise dos dados obtidos através dos registos de observação das sessões constituídos pela investigadora, das gravações vídeo e áudio das mesmas sessões, das reflexões escritas elaboradas pela docente de Inglês da turma e, ainda, dos portfolios construídos pelos alunos durante o ano letivo.

Na sua essência, o projeto de investigação que aqui foi apresentado e, particularmente, o plano de intervenção didática que o integra, procuram contribuir para a divulgação de uma nova forma de olhar o ensino e aprendizagem da língua inglesa, incorporando, de uma forma mais sistemática e refletida, a sua diversidade linguística e cultural, e, por conseguinte, uma nova forma de olhar a própria língua inglesa, na medida em que “[t]he global language need not be globalising. It can and should be an opportunity for exploring diversity and realizing interculturality...” (Moreira, 2006: 198).

Referências bibliográficas

- Appadurai, A. (2003). *Globalization*. Durham (NC): Duke University Press.
- Araújo, S. (2010). Competência intercultural em Inglês para a cidadania: estudo português. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beacco, J., & Byram, M. (2003). *Guide for the development of language education policies in Europe – From linguistic diversity to plurilingual education*. Strasbourg: Language Policy Division, Council of Europe.
- Breidbach, S. (2003) *Plurilingualism, Democratic Citizenship in Europe and the Role of English*. Strasbourg: Council of Europe.
- Cavalli, M., Coste, D., Crisan, A. & van de Ven, P-H. (2009). *Plurilingual et intercultural education as a project*. Strasbourg: Language Policy Division, Council of Europe.
- Edge, J. (2009) (Ed.). *(Re)locating TESOL in an age of empire*. London: Macmillan.
- Graddol, D. (1997). *The Future of English*. London: British Council
- Graddol, D. (2006), *English Next*. London: British Council.
- Kachru, B. (1992). *The Other Tongue: English Across Cultures*. University of Illinois Press.
- Kachru, B. (1995). *The Intercultural Nature of Modern English*. Acesso a 14 de Outubro de 2011:
<http://www.immi.gov.au/multicultural/inc/publications/confer/04/speech19a.htm>.
- Ministério da Educação (1997). *Programa e Organização Curricular do Inglês*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- Moreira, G. (2006). Globality and interculturality in the teaching of English. In R. Bizarro (Ed.) *A escola e a diversidade cultural*. Porto: Areal Editores, 190-199.
- Moreira, G. & Chaves, R. (2007). Educar para a diversidade: o contributo do ensino de línguas estrangeiras. In *Conferência Ibérica Educação para a Cidadania*. Lisboa: Universidade de Lisboa, pp. 179-188.
- Mufwene, S. S. (2001). *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Murata, K. & Jenkins, J. (Eds.) (2009) *Global Englishes in Asian contexts*. London: Palgrave Macmillan
- Pennycook, A. (2007). *Global Englishes and Transcultural Flows*. London: Routledge
- Pennycook, A. (2009). Plurilithic Englishes: towards a 3D model. In Murata, K. & Jenkins, J. (Eds.) (2009). *Global Englishes in Asian contexts*. London: Palgrave Macmillan.
- Schneider, E. W. (2003). The dynamics of New Englishes. From identity construction to dialect birth. *Language* 79(2): 233-281.
- Stake, R. (2007). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Starkey, H. (2002). *Democratic Citizenship, Languages, Diversity and Human Rights*. Strasbourg: Language Policy Division. Council of Europe.

wa Thiong'o, N., (1993). *Moving the Centre: The Struggle for Cultural Freedom*. London: Heinemann.

Yin, R. (2005). *Estudo de caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Referências normativas

Despacho nº 17169/2011, de 12 de Dezembro [Revogação do *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*].